

# Cuidados farmacêuticos

Jaldo de Souza Santos,  
Presidente do Conselho Federal de Farmácia.  
E-mail [presidencia@cff.org.br](mailto:presidencia@cff.org.br)



Jaldo de Souza Santos, Presidente do CFF

Há um novo sopro sanitário pleno de cuidados farmacêuticos que está nos dando um sentido de esperança, neste início de ano. Cuidados constituem a essência dos nossos serviços, porque nos põe em contato direto com o paciente e nos aproxima do nosso próprio umbigo profissional. O paciente é a razão de ser dos que atuam à luz da farmacêutica clínica, que é, resalte-se, uma das práticas profissionais mais complexas, vez que exige do farmacêutico especializado um vasto conjunto de conhecimentos e fazeres, ao tempo em que é, também, plena de humanismo e responsabilidade social.

Para quem tem mais de 50 anos de profissão, como eu, e passou todo este tempo acreditando nos cuidados farmacêuticos e pregando a necessidade de os colegas aproximarem-se do paciente, este é um alvissareiro sopro de vida farmacêutica. E representa uma importante fronteira profissional. Por isto, aplaudo e me comovo com este movimento que, quem sabe, poderá levar esta prática para o SUS

(Sistema Único de Saúde) e reforçá-la dentro das farmácias comunitárias.

Quando eu defendia a prestação de cuidados farmacêuticos, há mais de 50 anos, eu tinha uma sensação de pregar no deserto. Àquele tempo, não se falava, ainda, em farmácia clínica, a prática que nasceu, depois, em São Francisco, Califórnia (EUA), sob as bênçãos de Donald Brodie. Ela surgiu como um conjunto de serviços para ser desenvolvido em ambiente hospitalar, porque, em sua essência de nascedouro, pressupunha-se a realização de trabalho em equipe. Mas os cuidados farmacêuticos, com todo o conhecimento clínico, podem – aliás, devem – ser exercidos, na farmácia comunitária, com os devidos ajustes e adaptações.

Jamais perdi uma chance de sustentar que os farmacêuticos deveriam reescrever os seus currículos e a própria história de nossa Profissão, a partir da prestação de cuidados farmacêuticos. Para tanto, eu reforçava que era imperioso a busca de uma superqualificação lastreada em conhecimentos de Anatomia, Fisiologia, Patologia, Fisiopatologia, Semiologia, Farmacologia e Terapêutica. Saliento que o Conselho Federal de Farmácia elaborou e oferece o curso “Assistência Farmacêutica na farmácia comunitária” do qual constam módulos com estes conhecimentos.

Agora, o tema *cuidados farmacêuticos* chega ao centro de novas discussões. Por que *novas*? Porque as discussões a querem, em sua totalidade, no cerne da saúde pública. Desta vez, as discussões em torno do assunto partiram do livro “As Redes de Atenção à Saúde”, do sanitarista mi-

neiro Eugênio Vilaça, um dos nomes que integraram o grupo que gerou a pérola da Constituição de 1988: o SUS (Sistema Único de Saúde), quando da criação e implementação da Reforma Sanitária Brasileira. O livro de Vilaça traz a proposta de um modelo do SUS, baseado em redes de atenção.

O livro inspirou o Decreto Presidencial 7508, de 28 de junho de 2011, que regulamenta a Lei 8080/90. Essa Lei dispõe sobre a organização do SUS, o planejamento da assistência à saúde e sobre a articulação interfederativa do Sistema. O autor apresenta, no livro, dados instigantes que provam que, no Brasil e no mundo inteiro, gastam-se fábulas com medicamentos e se acumulam problemas de saúde os mais diversos para os seus usuários devido à falta de cuidados farmacêuticos. (ver matéria completa sobre o assunto, pelo jornalista Aloísio Brandão, na sequência deste artigo).

E diz mais: que não adianta muito implantar mudanças no SUS, inclusive aplicar mais recursos financeiros “para fazer o mesmo que já é feito”, se das mudanças não constarem os cuidados farmacêuticos. Vilaça diz, noutras palavras, que o farmacêutico foi tirado do lugar que deveria ocupar – a farmácia clínica – e esse deslocamento de função acarreta todo tipo de problema para o Sistema e para os usuários.

Se os cuidados farmacêuticos prestados com o conhecimento clínico, no SUS e nas farmácias comunitárias, são uma fronteira, então vamos assumi-la, dominá-la, possuí-la. Aliás, essa fronteira, sempre, pertenceu ao farmacêutico. É espaço seu, indelegável e intransferível.